

VIMARANENSE

Semanário político, literário e noticioso, órgão do Partido Evolucionista

Director, proprietário e editor — Custódio dos Santos Lima Guimarães

PREÇO DA ASSINATURA

Ano, sem estampa	1\$20
Semestre, idem	700
Ano, com estampa	1\$50
Semestre, idem	750
África e Brasil, por ano (moeda forte)	2\$25
Número avulso	50

Redacção, Administração, composição e impressão
Rua Elias Garcia, 46 (antiga rua de Santa Maria)
PUBLICA-SE AS QUINTAS-FEIRAS

PREÇO DAS PUBLICAÇÕES

Anúncios e comunicados, por linha	700
Repetição dos mesmos	700
Anúncios permanentes, contracto especial	
As obras literárias anunciam-se gratis, recebendo-se na redacção um exemplar.	
Os autógrafos, sejam ou não publicados, não se restituem.	

COMENTARIOS...

A revolução de 5 de Dezembro não se fez para subverter a República, mas para a consolidar, dignificando-a; e os que pretendem que ela foi um passo largo para o avanço da Monarquia fazem apenas, ao sr. Sidónio Pais e aos seus companheiros, a injuria de os suporem conluídos para uma obra de traição preconcebida. Aclamou-se a República quando a revolução começou; saudou-se a República quando era já certo o triunfo, e no poder ficaram republicanos de cuja acção governativa podemos divergir, mas de cuja fé e lealdade não temos direito de suspeitar.

A República ia mal. Repetidas vezes o dissemos, com uma insistência que muitos averbaram de facciosismo, mas que era apenas a preocupação desinteressada de a vermos modificada nos seus processos deploráveis. E se o que se procura agora é torná-la melhor, corrigir-lhe os defeitos e aperfeiçoar-lhe as normas governativas, a essa norma daremos, sem preocupações partidárias, todo o nosso esforço. Simplesmente não entendemos que a República se converta e melhore pelos mesmos processos por que se comprometera e desvairou.

Ela era o reinado da violencia, e foi para vencer essa violencia intolerável que a revolução se fez, de sorte que seria uma coisa contraditória, absurda, lastimável, que os velhos processos persistissem, manejados embora por homens novos. Quer dizer que o governo do sr. Sidónio Pais, que é um governo republicano, (como s. ex.ª não se esqueça de acentuar em todas as suas falas) se tem o direito de defender-se, tem também a obrigação de fazê-lo dentro daqueles inultrapassáveis limites de justiça para além dos quais só fica a tirania.

Procura fazer-se uma República nova? Pois faça-se, que ninguém lhe negará auxílios e simpatias, a não ser, é claro, aqueles que na República velha estavam magnificamente instalados. Mas uma República nova supõe processos novos e a verdade é que ainda se usam certos velhos processos de violencia, que todos condenamos e contra os quais a revolução se fez.

Se o governo tem por si uma forte corrente de opinião, se o sr. Sidónio Pais pode dizer, parafraseando Napoleão (a quem já o vimos comparado) que contra todas as oposições inquietas, todas as conjuras sembradas, todos os ódios em chama, todos os atentados em projecto, tem por si o povo português, é evidente que não pode jus-

tificar, com necessidades de defesa, o uso de violencias subversivas de todas as normas e princípios jurídicos, incompatíveis com todas as garantias de ordem, contradictórias com todo o empenho de moderação.

Que se faça a República nova, mas sem perseguir a esmo, sem reduzir liberdades, sem semear e incitar ódios, sem criar, com os velhos programas, novas facções. Para que ela se faça não é decerto necessário exterminar os velhos republicanos, persegui-los, arredá-los, substituindo-os por monárquicos que afirmam ao governo o seu apoio, mas sem desistirem da Monarquia, isto é, sem renunciarem a deitar abaixo essa República nova que se propõem ajudar, embora abstendo-se cautelosamente de a aclamar.

Se ha republicanos que delinquiram, que esses se castiguem com todas as garantias de justiça, que isso é diferente de hostilizá-los em massa, ou de permitir que os monárquicos, aliados do governo, os insultem desvairadamente, considerando-se triunfantes, e, por uma extranha lógica, donos e senhores do Estado Republicano.

Quem vive é ainda República. E se o que se pretende é que essa República se dignifique, se acredite, se imponha ao amor e ao respeito de todos, não vemos que para o successo dêsse empenho seja inútil, ou comprometedor, ou sequer desnecessária a cooperação de todos os republicanos e só seja de aproveitar o apoio limitado dos monárquicos que querem a Monarquia, porque nem a República moderada do sr. Sidónio Pais lhes serve.

O governo ha de reconhecê-lo.

(Da Republica, de Vila do Conde.)

Aniversários registáveis

Fazem anos, desde 8 a 15 do corrente:

As ex.ªs sr.ªs:

- Dia 10—D. Sofia Virginia da Costa Freitas.
- » 11—D. Maria da Conceição Freitas Costa.
- » 12—D. Eulalia da Costa Freitas Chaves;
- » »—D. Amelia Augusta de Lemos Mota.
- » 13—D. Maria Amelia Lopes de Matos Chaves.
- » 15—D. Beatriz Neves Castro.

E os srs.:

- Dia 9—José de Freitas C. Soares.
- » 10—T. n. cor. Alcino Machado;
- » »—Abel Cardoso.
- » 13—Gonçalo Augusto de Castro e Freitas.
- » 14—Conselheiro João Franco.
- » 15—Conde de Agrolongo.

RESTABELECENDO A VERDADE

(As minhas primeiras palavras sobre Rovuma e Newala)

(CONTINUAÇÃO)

Avanço afortunado

Nenhum sangue caiu sobre as nossas cabeças. Mas houve ao menos sangue?

Não! Na passagem do Rovuma não houve uma pontuada de bala nem sequer uma bala desgarrada. Nem uma gota do generoso sangue português se diluiu daquela vez nas aguas do célebre rio africano.

O sr. general Gil descreve a passagem, que dele fizeram as nossas tropas, num extenso capitulo a que põe este titulo vibrante e quasi heroico:—**Ofensiva victoriosa.**

De facto a travessia fez-se nas melhores condições e tão boas que nem sequer se queimou um cartucho.

Já vimos atrás que o sr. general Gil em nada alterou o seu programa em face do não falado telegrama do dr. Afonso Costa, pois que contando, quando o recebeu, passar o Rovuma a 17, não se apressou, vindo no final a passá-lo a 19. E agora podemos acrescentar que s. ex.ª não perdeu a calma com esse telegrama, porque, conforme declara no começo do referido capitulo, *tudo se dispôs metódica e persistentemente para se operar a travessia do Rovuma.* Reparem os leitores: *tudo se dispôs metódica e persistentemente.*

E assim se operou com todo o brilho a passagem das nossas gloriosas tropas por uma ponte que, declara o sr. general Gil a pag. 116 do seu relatório, foi constituída para *garantia dos abastecimentos e facilitar a passagem das tropas com toda a sua impedimenta.* Todo correu a maravilha, extasiando-se o sr. general, bem legitimamente, pelo garbo confiado e soberbo com que os seus soldados foram para a outra banda do rio a procura do desconhecido misterioso e heroico.

Ainda bem.

As nossas fôrças estavam para lá do Rovuma. Contavam 120 officios e 4000 praças representando 2:682 espingardas, 10 metralhadoras e 14 peças de tiro rapido. Não era muito, mas era alguma coisa. Já já muitas pelas fôrças, mas, emfim, era um efectivo relativamente numeroso. Um dos objectivos anteriormente determinados era Mikindane. Mas oh! a essas horas Mikindane estava já tomada há mais de 15 dias, tendo os alemães abandonado a cidade aos soldados ingleses, que lá fizeram tremular ovante a sua bandeira. Assim o soube o sr. general Gil ainda em Palina, no dia 13 de setembro (6 dias antes da passagem de Rovuma), por um radiograma do almirante inglês. O sr. general Gil confessa-se nesta altura embaraçado e desgostoso, porque, sendo Mikindane tomada por outros, compreendeu que se tinham minu-

tilizado os nossos épicos esforços.

Nessa hora o comandante do corpo expedicionário deve ter compreendido que as muitas insidias e as do dr. Afonso Costa para um avanço rapido nada tinham tido de descabidas. Mas já não havia remédio, e tanto que o próprio general, entre atônito e arrelhiado, se encontrou de momento, como coisa possível, fazer algumas filosofias que não será conveniente aqui reproduzir.

E o general vibra de entusiasmo, e éle, que diz ter havido de Lisboa insistencias para o levarem a avançar, é neste momento o primeiro a querer ir para diante e mandou um telegrama ao ministro interino das colónias dizendo **«ser sua resolução invadir a colónia alemã e isso fará na época fixada não haver ordens em contrario.»** É claro que não houve essas ordens nem as podia haver, porque de Lisboa o que se queria, prevendo tudo o que afinal se passou, era um avanço immediato e resolutivo.

Queriam-se a tempo e horas o que o sr. general só reconheceu mais tarde.

Vejamos agora o que foi Newala.

No dia 26 de Outubro tomaram os portugueses conta desta posição e ali se instalaram, depois de luta em que interveio a nossa artilharia.

O inimigo retirou precipitadamente. Houve 1 soldado branco morto, e feridos 1 soldado branco e 3 soldados pretos.

Tudo até aqui nos correu magnificamente. O sr. general Gil diz mesmo, nesta altura, (relatório pag. 145) que até então nos tinha sido propicia a sorte das armas e que *«era forçoso não esmorecermos.»* Então não havia telegramas de Lisboa a instigá-lo; era éle proprio que desejava, e muito bem, prosseguir. E, certamente, porque se julgava com força para tanto. Mas infelizmente pela caprichosa sorte das armas, em Newala tínhamos de ser infelizes. De facto a 22 de novembro foi atacado o posto que defendia a ribeira de Newala, havendo uma luta renhida e tendo os nossos de abandonar essa posição, sem receber socorro de Newala, porque o fortim era atacado ao mesmo tempo. As nossas perdas foram: 1 sargento e 12 indigenas mortos; 1 official e 1 sargento prisioneiros; 1 official, 1 sargento, 3 praças europeias e 8 indigenas feridos; 1 official e 1 sargento prisioneiros; 2 officiais, 2 sargentos, 7 praças europeias e 23 indigenas desaparecidos. (Relatório, pag. 153).

Entretanto os nossos do fortim de Newala sentiam-se cercados de a agravante de que não tinham agua porque esta era fornecida pela ribeira de Newala, a es-

sas horas já no poder dos alemães.

Na madrugada de 28 de novembro o capitão Azevedo marchou em socorro dos nossos e abriu violento combate com o inimigo, que estava fortemente intrincheirado, tendo por isso de retirar, sem comunicar com os cercados de Newala. Teve 1 soldado europeu e 3 indigenas mortos; 2 officiais, 3 sargentos, 5 praças europeias e 15 indigenas feridos e 3 indigenas desaparecidos.

Heroicamente se aguentaram os nossos no fortim de Newala durante seis dias com escassa agua para beber, até que resolveram, com bravura, «esgotada a ultima gota de agua» romper o cerco. Assim o fizeram, retirando nma só columna e tão afortunadamente que não tiveram de disparar um tiro e assim atravessariam o Rovuma se, por engano, não tivessem ido ter aos postos avançados alemães, que logo os atacaram a fogo. Ainda assim no relatório não se apontam baixas. Nas perdas durante o cerco de 22 a 28 foram mortos 1 2.º sargento e 1 soldado europeus e 3 soldados indigenas; feridos 1 official, 2 sargentos, 2 cabos e soldados europeus e 18 indigenas.

Nesta altura diz o sr. general Gil que a causa do desastre foi a falta de reforços que éle tinha pedido para a Europa. Se nessas alturas, acrescenta, tivesse tropas frescas, não se daria o triste incidente de Newala e a columna alcançaria o seu objectivo. Sem duvida. Resta, porém, saber se com as tropas de que dispunha o sr. general não podia ter feito mais e melhor. Há muitas opiniões nesse sentido e não de ser curiosos os relatórios parciais que já entraram ou não de entrar no ministerio das colónias. Ainda agora um dos bravos combatentes de Newala, o sr. Moreira de Sá, official de engenharia, diz numa entrevista (*Comercio do Porto* de 30 de dezembro de 1917), «que houve deficiencias lamentáveis na organização das expedições militares, umas devidas ao governo da metropole e outras motivadas em negligencias na orientação das operações, em que houve erros e faltas indesculpáveis, por não se atender ás verdadeiras necessidades de guerra». Noutro ponto o sr. Moreira de Sá afirma que «a columna chamada do socorro que foi, no dia 28 de novembro, em auxilio das retiradas de Newala, ia mal equipada e municiada de modo que não conseguiu romper o cerco do inimigo».

É possível que no acontecimento de Newala houvesse responsabilidade do governo. Mas tenho a certeza de que outrem as tem e bem maiores...

Aí ficam apontados os desastres do Rovuma e Newala, com que tanto se tem especulado na imprensa monárquica.

No Rovuma não morreu ninguém. E a respeito de Newala houve de todo, no assalto em que se tomou parte, no combate da ribeira, no cerco e na retirada, os seguintes mortos: 2 sargentos europeus; 2 soldados europeus e 18 soldados indígenas.

Houve também alguns feridos e alguns desaparecidos. Dos feridos supponho que não morreu ninguém e dos desaparecidos, vários senão todos se ajuntaram depois.

Ao todo, pois, em Newala morreram 4 europeus e 18 pretos.

Foi muito sem dúvida para o nosso sentimento de humanidade e para a nossa solidariedade de patriotas, mas, se atendermos a que as nossas armas se nobilitaram naquela grande luta e que a retirada de Newala é considerada pelo próprio sr. general Gil um admirável acto de bravura e decisão, havemos de concordar que as nossas perdas em vidas foram bem poucas.

Não me dou agora ao trabalho de esmiuçar nas páginas do relatório do sr. general Gil o numero de mortos que houve em toda a campanha que este official commandou. Mas tendo sido a passagem do Rovuma e o desastre de Newala os dois pontos escolhidos para se pedir o meu julgamento, como réu de alta traição, os leitores calcularão que nos restantes combates as vítimas ainda foram menos. E foram-no na verdade, havendo ainda a necessidade de descontar no numero delas as que o foram por imprevidencia e desleixo não sei de quem, mas cuja responsabilidade não pertence com certeza ao ministro das colónias a quem se tem chamado com incível e cínica audácia o assassino do Rovuma e de Newala.

(Continúa.)

Correio das salas

Tem estado perigosamente enferma a ex.^{ma} sr.^a D. Maria José da Mota Prêgo, filha dedicadíssima do distinto causidico sr. dr. António Coelho da Mota Prêgo. Que o restabelecimento da nobre senhora se não faça esperar, é o nosso mais ardente desejo.

Foi ante-hontem ao Porto, em companhia de sua filha primogénita, a ex.^{ma} sr.^a D. Emilia Alice dos Santos Lima Mendes.

Tem estado ligeiramente incommodado o sr. D. José Ferrão.

Esteve no Porto, na última segunda-feira, o respeitavel capitalista e nosso excelente amigo sr. António Teixeira Mendes.

Partiu para Lisboa o sr. Mário Augusto Vieira, administrador deste concelho.

De visita aos seus, é esperado aqui no próximo sábado o sr. Joaquim dos Santos Lima, habilitissimo gerente da importante fotografia Tinoco, de Coimbra. O nosso amigo vem acompanhado de sua affectuosa esposa e filho.

QUINTA

Para rendimento, compra-se grande ou pequena.

Falar na Praça de S. Tiago, n.º 31, desta cidade.

Para França

No comboio da tarde de ante-ontem, seguiram para Lisboa com destino á França, mais umas trinta praças de infantaria 20, sob o commando do alferes sr. José Cardoso. Acompanhou-as até á estação do caminho de ferro a respectiva banda regimental.

A despedir-se do pequeno contingente expedicionário, vimos na estação alguns srs. officiaes do mesmo regimento, entre elles o seu dignissimo comandante, sr. coronel Afonso Mendes,

Officina de S. José

Sob a zelosa inspecção do benemerito capitalista sr. José António Fernandes Guimarães, do Cantão, já começaram, no velho convento das Capuchinhas, as obras mais urgentes para a próxima instalação desta Officina.

Será, pois, brilhantissima a festa do glorioso patrono desta carinhosa instituição e bem haja quem tam caritativamente cura dos simpáticos pequerruchos e lhes arranja viveiro amplo e saudavel.

Os presos da velha sinagoga...

A fim de gosarem um pouco de sol, e talvez para satisfação de annual romagem á milagrosa Sant'Agueda, ausentaram-se na passada terça-feira, da velha cadeia comarcã, tres alegres hospedes do sr. Guise.

Contaram-nos que uma serrita bréjeira auxiliára o vôo dos papagaios, que só voltam quando a senhora Câmara lhes mobilar o arejado palacete da Arcela!

Centro Republicano de Guimarães

A direcção do Centro Republicano de Guimarães, em virtude da ordem de encerramento da sua sede, seguida de inventário dos seus moveis, resolveu enviar ao sr. Presidente da República o seguinte telegrama:

«Centro Republicano de Guimarães com treze anos existencia e estatutos officiaes sendo mandado encerrar e inventariar ordem governador distrito virtude informes seu delegado concelho reclama inquerito serio e honrado sua administração pois jamais saíu fins legais autorizados leis país.»

Sabemos também que a mesma direcção enviára um delegado junto do governador do distrito para tratar este assunto, parecendo que s. ex.^a está na disposição de reconsiderar o acto de força que ordenára contra os dous centros, que aqui representavam a politica democratica em Guimarães. Mais diz o nosso obsequioso informador que, no caso de não serem tomadas providencias contra esta determinação, que consideram violenta e arbitraria, a mesma direcção está no propósito de apresentar a sua queixa em juizo, tanto mais que já são conhecidos os motivos que, por infundados, levaram a autoridade distrital a tal medida.

Cigarros e milho

Corremos Guimarães, o Minho, Nazaré... o Egito e ninguém os apanha, nem por preço infinito.

Sempre o estribilho: Num ha!... num!... num ha!...

AVA
ANTIGA GUARDASOLARIA
CARVALHO

Executam-se todos os concertos

Ao Guardasol Elegante!
154 R. Republica, 160-Guimarães

Associação Commercial de Guimarães

2.ª CONVOCAÇÃO

São convidados os Socios desta Associação a reunirem-se em Assembléa Geral, no dia 8 do corrente, pelas 11 horas da manhã, na sala das suas sessões, para dar cumprimento ao paragrafo 1.º do artigo 7.º dos Estatutos.

Guimarães, 2 de Fevereiro de 1918.

O Secretario,

Francisco Joaquim de Freitas.

A. LEÃO MARTINS

Despachado aspirante para a Inspecção de Finanças de Viana do Castelo, partiu ontem para ali, este nosso apreciavel colaborador e presado amigo.

O Leão Martins, que nos deixa saudades, vai certamente espalhar as dêle pulsando a lira maviosa, ao contemplar as belezas da lindissima Princesa do Lima, dos seus arredores magnificos e das belezas vianesas, que o saudoso Ramalho Ortigão tanto elogiou.

Que o Létes o inspire.

Dr. Brito Camacho

Na passada segunda-feira, pelas 9 1/2 horas, chegou a esta cidade, vindo de Braga e acompanhado de alguns cavalheiros de diversas localidades, o eminente homem de Estado, sr. dr. Brito Camacho.

O illustre chefe da União Republicana, tendo mostrado desejos de corresponder ás demonstrações de apreço e estima evidenciadas em Braga pela Comissão Executiva do seu partido nesta cidade, resolveu, já tarde da noite de domingo, visitar Guimarães.

Por este motivo é porque a visita do illustre parlamentar e jornalista tem de ser rápida e puramente particular, não foi comunicada á imprensa nem entidades officiaes.

Desta cidade foram ás Taipas aguardar a chegada do prestigioso chefe politico alguns elementos em evidencia do grupo unionista local.

Chegado a esta cidade visitou o sr. dr. Brito Camacho, em primeiro logar, a Sociedade Martins Sarmiento, admirando a grande quantidade de volumes da biblioteca, detendo-se diante de varias preciosidades arqueologicas e numismaticas e assinando finalmente o seu nome no livro dos visitantes.

Saindo da Sociedade seguiu, a pé e sempre acompanhado dos seus amigos e correligionários, pela rua Gil Vicente, largo Afonso Henriques, parando em frente á estátua do Conquistador, que admirou por alguns minutos, e rua da Republica em direcção ao largo da Oliveira. Ai visitou o tesouro da Colegiada, examinando com atenção os objectos de arte sacra que lá se encontram. Seguiu depois pela rua de S. Damaso ao largo Sidónio Pais e Hotel Avenida, onde foi servido ao illustre visitante e demais cavalheiros que o acompanhavam um petit déjeuner.

Em frente ao hotel estacionava uma banda de música, que tocou o hino nacional quando o sr. dr. Brito Camacho se aproximou. De entre os populares que aí se encontravam, e os que já de longe vinham seguindo o notavel estadista, foram levantados vivas á Republica e União Republicana.

Dentro do hotel e quasi terminada a pequena refeição, o sr. José de Neves Pereira, em nome da União Republicana em Guimarães, saudou o sr. dr. Brito Camacho e agradeceu-lhe a sua visita a esta cidade, dizendo ser s. ex.^a uma das figuras mais proeminentes da Republica e indiscutivelmente chefe politico de alto conceito na politica portugueza.

Falaram a seguir mais alguns vultos politicos, que todos saudaram o sr. dr. Brito Camacho, destacando-se os nossos conterraneos sr. António Lopes de Carvalho e dr. António José Rodrigues Toriz e o secretario geral do Governo Civil de Braga, sr. dr. Justino Cruz. Em seguida o sr. dr. Brito Camacho, levantando-se, pronunciou um brilhante discurso em que agradeceu a todos as homenagens que lhe eram prestadas.

Visitou finalmente o Castelo de Guimarães, retirando para Braga, pelas treze e meia horas, acompanhado de todos os seus amigos e correligionários que o acompanharam na sua visita a esta cidade, e mais ainda dos seus amigos e valiosos partidários da União Republicana em Guimarães, srs. dr. Rodrigues Toriz, Bernardo Azeiteira, dr. Fernando Chaves, José Neves Pereira, capitão Brito e José Lima.

COMUNICADO

Alguns individuos, tendo em pouca conta a honra alheia, propalaram que, quando fui Administrador deste concelho, comprei milho e que o vendi ganhando boas luvas. Como estamos em occasião de saneamento, venho por este meio convidar as pessoas com as quaes eu tivesse esses negocios, d'aqui ou de fóra d'este concelho, a declararem nos varios jornaes d'esta terra a veracidade do que para ahí afirmam. E não me refiro sómente ao tempo em que fui Administrador; faço-o também quanto á época que antecedeu á minha passagem pela Administração deste concelho e á que se lhe seguiu.

Guimarães, 7 de Fevereiro de 1918.

António Caires Pinto de Madureira.

NECROLOGIA

Na esperancosa idade de 17 anos, succumbiu sexta-feira, aos estragos duma doença implacavel, a senhora D. Luiza Leite de Faria Freitas e Oliveira, filha estremecida do nosso presado amigo sr. Miguel de Freitas de Oliveira, abastado capitalista e proprietario da casa de Entre-as-Vinhas, em Azurem, e sobrinha do distinto clinico sr. dr. Leite de Faria.

Figura gentilissima a envolver uma alma de santa, é com verdadeira máguia que todos deploram a sua morte.

O funeral da saudosissima extinta effectou-se no sábado, com enorme assistência, ficando o cadáver encerrado em jazigo de familia no cemiterio de Azurem.

Não tendo palavras de conforto que passamos dirigir aos pais e demais familia da malograda senhora, envia-

mos-lhes as nossas respeitosas e sinceras condolencias.

Na Praça da Republica, da povoação de Vizela, faleceu a sr.^a D. Margarida Garrido.

A extinta era esposa do sr. José Garrido, que durante largos anos geriu o grande Hotel Universal, naquelas terras.

As nossas condolencias aos seus.

Depois de longo sofrimento, expirou a sr.^a D. Ana Carneira, irmã extremosa do nosso presado amigo sr. José Luis Cardoso Carneira, hábil empregado da importante casa comercial desta cidade Bento dos Santos Costa & C.^a

Os officios funebres por alma da saudosa extinta celebraram-se na segunda-feira, na capela de S. Domingos.

Sentidos pezames á familia enlutada.

Faleceu na sexta-feira passada, na rua da Republica, o sr. Antonio Rodrigues, ali estabelecido ha muitos anos com officina de calçado.

Eaa pai do sr. João Rodrigues Guimarães, sargento reformado actualmente em serviço no D. R. R. n.º 20.

Pezames aos doridos

Em Braga, succumbiu a uma pneumonia o sr. Fausto Augusto da Costa Rebelo, que foi sargento de infantaria n.º 20 e chefe da policia civil de Guimarães.

Na vizinha cidade exercia agora o mister de professor no Colégio dos Orfãos de S. Caetano.

O digno chete da policia civil desta cidade pede-nos a publicação do seguinte:

O diário portuense A Montanha, de 3 do corrente, em carta de Guimarães datada de 31 de Janeiro findo, insere umas acusações caluniosas e cheias de falsidade contra mim.

Sabeado que o correspondente do referido jornal nesta cidade é o sr. Virgínio Baptista, tratei de procurá-lo no intuito de pedir-lhe as explicações devidas; mas afirmando-me aquele sr., pela sua honra, que não lhe pertencia a paternidade de tais infâmias,—intimo o caluniador cobardola, seja ele quem for, que tão miseravelmente se escapa á responsabilidade dos seus actos, a provar, se é capaz, aquilo que afirma.

Guimarães, 7 de Fevereiro.

Augusto Tristão Pereira Pimenta de Castro (chefe da policia).

AO PÚBLICO

JOÃO Vasco Cardoso Guimarães, proprietário da mercearia de Traz de S. Paio e agente, nesta cidade, da casa de comissões e representações de José Bastos Zuzarte, de Lisboa, aceita encomendas de carimbos, facturas, cartões, etc., etc.

Modicidade de preços e rapidez na execução.

Banco Popular Portuguez

Representante em Guimarães

JOSÉ JOAQUIM VIEIRA DE CASTRO

RUA DE S. DAMAZO—17

Vendem-se accões a 25\$00

Acceita dinheiro á ordem, faz descontos de lettras, etc. Representação em todo o Paiz e no estrangeiro.